



Serviço Público Federal
Universidade Federal da Bahia
Escola de Teatro
Colegiado de Graduação

CURSOS DE TEATRO
VAGAS RESIDUAIS - SEGUNDA ETAPA
PROVA DE HABILIDADE ESPECÍFICA

CRONOGRAMA

CURSO	PROVA	DIA	HORÁRIO	LOCAL
LICENCIATURA EM TEATRO	Escrita	05/09/17	10:00 às 12:00	PAF V – SALA 309
	Prática	05/09/17	14:00 às 15:30	PAF V – SALA 101
	Escrita – parte 02	05/09/17	15:30 às 16:00	PAF V – SALA 101
	Oral	05/09/17	16:00 às 16:30	PAF V – SALA 101

CURSO	PROVA	DIA	HORÁRIO	LOCAL
DIREÇÃO TEATRAL	Escrita	05/09/17	10:00 às 12:00	PAF V – SALA 309
	Prática	05/09/17	14:00 às 15:30	PAF V – SALA 101
	Oral	05/09/17	15:30 às 16:30 (preparação) 16:30 às 17:00 (apresentação)	PAF V – SALA 103 (preparação) PAF V – SALA 101 (apresentação)

CURSO	PROVA	DIA	HORÁRIO	LOCAL
INTERPRETAÇÃO TEATRAL	Escrita	05/09/17	10:00 às 12:00	PAF V – SALA 309
	Prática	05/09/17	14:00 às 15:30	PAF V – SALA 103
	Audição	05/09/17	16:30 às 17:00	PAF V – SALA 103



Serviço Público Federal
Universidade Federal da Bahia
Escola de Teatro
Colegiado de Graduação

CONTEÚDO:

PROVA ESCRITA (para todos os cursos) — (peso 6)

A prova constará de três questões referentes a três (3) peças teatrais, contemplando aspectos fundamentais de análise e compreensão de texto. As peças serão escolhidas pelo candidato entre as indicadas a seguir, sendo obrigatória a escolha de uma peça em cada grupo. A prova escrita tem duração de 02 (duas) horas.

GRUPO I

Eurípedes – Medéia

William Shakespeare – Ricardo III

Molière – Escola de Mulheres

Maquiavel – A Mandrágora

Plauto – Aulularia (ou o Soldado Fanfarrão)

GRUPO II

Henrik Ibsen – Um Inimigo do Povo

Eugène Ionesco – O Rinoceronte

Anton Tchekhov – O Jardim das Cerejeiras

Bertolt Brecht – Senhor Puntilla e Seu Criado Matti

García Lorca – Yerma

GRUPO III

Oduvaldo Viana Filho – Rasga Coração

Ariano Suassuna – O Santo e a Porca

Nelson Rodrigues – O Beijo no Asfalto

Ana Franco, Cleise Mendes e Paulo Dourado – Canudos - A Guerra do Sem Fim

Dias Gomes – Campeões do Mundo

PROVA PRÁTICA (três cursos): (peso 4)

O candidato, orientado por uma equipe de professores da Escola de Teatro, fará exercícios corporais, vocais e de improvisação, durante os quais serão observados:

1. desenvoltura psicomotora;
2. compreensão, agilidade, atenção, prontidão, concentração;
3. espontaneidade, criatividade, capacidade de resolução de problemas;
4. relacionamento e integração grupal.

PROVA ORAL: (peso 6)



Serviço Público Federal
Universidade Federal da Bahia
Escola de Teatro
Colegiado de Graduação

LICENCIATURA EM TEATRO:

A entrevista para a Licenciatura em Teatro está dividida em duas partes:

1. Questão escrita:

Uma questão sobre pedagogia do teatro, a ser respondida de forma escrita baseada na seguinte indicação bibliográfica:

DESGRANGES, Flávio. Pedagogia do teatro: provocação e dialogismo, São Paulo: Editora Hucitec: Edições Mandacaru, 2006, pp. 21-32 e 87-121.
DUARTE JR., João Francisco. Por que Arte-Educação?

2. Prova oral

Os candidatos serão entrevistados pela banca com questões referentes a motivações e propósitos, além de breve arguição sobre temas presentes no conteúdo programático das provas.

DIREÇÃO TEATRAL:

A prova oral para a Direção Teatral está dividida em duas partes:

1. Preparação:

O candidato escolherá uma cena de um dos textos escolhidos para a prova escrita e dirigirá uma improvisação, com base na cena escolhida, contando com a colaboração de 02 alunos-atores.

2. Mostra:

O candidato apresentará a cena estudada para a banca, com duração de 5 a 8 min. Em seguida, os membros da banca realizarão uma entrevista contendo questões referentes às escolhas feitas na montagem da cena, ao conteúdo programático das provas escritas e a motivações e propósitos.

INTERPRETAÇÃO TEATRAL:

AUDIÇÃO (peso 6):

O candidato apresentará um pequeno monólogo, com duração mínima de 3 minutos e máxima de 5 minutos, a partir da lista de monólogos abaixo. Durante a Audição os candidatos serão entrevistados pela banca com questões referentes a motivações e propósitos, além de breve arguição sobre temas presentes no conteúdo programático das provas e no monólogo apresentado.



Serviço Público Federal
Universidade Federal da Bahia
Escola de Teatro
Colegiado de Graduação

MONÓLOGOS

A MORATÓRIA¹

LUCÍLIA – (*Larga a costura*) O senhor pensa, papai, que gosto de saber que meu irmão viaja em jardineiras sujas, que trabalha num frigorífico no meio de pessoas que ele nunca viu e sem educação nenhuma? Pensa? Isso me atinge tanto quanto ao senhor. Acontece que precisamos encarar a situação de frente, não há outra saída. Espero que o senhor não fale nada. Deixe ele trabalhar. Aos poucos a situação melhora. O Marcelo não terá nada a perder, mesmo se voltarmos para a fazenda. Pelo contrário, só assim poderá ajudar o senhor lá, aprendendo, agora, a ter responsabilidade.

JUDAS EM SÁBADO DE ALELUIA²

MARICOTA – Desacreditar-me por namorar! E não namoram todas as moças? A diferença está em que umas são mais espertas do que outras. As estouvadas, como tu dizes que eu sou, namoram francamente, enquanto as sonsas vão pela calada. Tu mesma, com este ar de santinha – anda, faze-te vermelha! – talvez namores, e muito; e se eu não posso assegurar, é porque tu não és sincera como eu sou. Desengana-te, não há moça que não namore. A dissimulação de muitas é que faz duvidar de suas estrepolias. Apontas-me porventura uma só, que não tenha hora escolhida para chegar à janela, ou que não atormente ao pai ou à mãe para ir a este ou àquele baile, a esta ou àquela festa? (...) Vive na certeza, minha irmã, que moças dividem-se em duas classes: sonsas e sinceras... Mas que todas namoram.

O SANTO INQUÉRITO³

BRANCA – (Deitada de bruços, atrás da grade. Sua atitude revela abandono e perplexidade. Há um longo silêncio, antes que ela comece a falar.) Se ao menos eu

¹ ANDRADE, Jorge. A moratória. In: Marta, a árvore e o relógio. São Paulo: Perspectiva, 1986, p. 140.

² PENA, Martins. Judas em Sábado de Aleluia. In: **Comédias de Martins Pena**. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d. , p. 87

³ GOMES, Dias. *O Santo Inquérito*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 67.



Serviço Público Federal
Universidade Federal da Bahia
Escola de Teatro
Colegiado de Graduação

pudesse ver o sol... (Pausa.) Será que é essa a melhor maneira de salvar uma criatura que está na mira do Diabo? Tirar-lhe o sol, o ar, o espaço e cerceá-la de trevas, trevas onde o Diabo é rei? (Dirige-se para a platéia.) Vêem vocês o que eles estão fazendo comigo? Estão me encurralando entre o Cão e a parede. Será que foi para isso que me prenderam aqui e me tiraram o sol, o ar, o espaço? Para que eu não pudesse fugir e tivesse de enfrentar o Diabo cara a cara. É justo, senhores, que para me livrar dele me entreguem a ele, noites e noites a sós com ele, sem saber por quê, nem até quando, sem uma explicação, uma palavra, uma palavra, ao menos. Não sei... não sei o que eles pretendem. (...).

A MORATÓRIA⁴

MARCELO – Reconheço, sou um fraco. Não assumi a responsabilidade. E o senhor? O senhor que só pensa na sua fazenda, no seu processo, nos seus direitos, no seu nome. Enquanto pensa em si mesmo, na sua honra, não pode sentir o que sinto. O senhor não sai à rua para saber o que os outros pensam de nós. O senhor finge não perceber que não fazemos parte de nada, que o nosso mundo está irremediavelmente destruído. Se voltássemos para a fazenda... tornaríamos a perdê-la. As regras para viver são outras, regras que não compreendemos nem aceitamos. O mundo, as pessoas, tudo! Tudo agora é diferente! Tudo mudou. Só nós é que não. Estamos apenas morrendo lentamente. Mais um pouco e ficaremos como aquele galho de jabuticabeira: secos! Secos!

CORPO FECHADO⁵

MANUEL FULÔ – Pois o senhor não imagina que, ao depois, o miserável desse Adejalma, só por medo da minha macheza, me convidou, mais o tropeiro, p'ra beber com ele e fazer companhia?... O

⁴ ANDRADE, Jorge. A moratória. In: Marta, a árvore e o relógio. São Paulo: Perspectiva, 1986. p. 160.

⁵ ROSA, João Guimarães. Corpo Fechado. In: Sagarana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 273. Texto adaptado.



Serviço Público Federal
Universidade Federal da Bahia
Escola de Teatro
Colegiado de Graduação

tropeiro agradeceu e não aceitou e não aceitou, mas eu fui, porque não sou soberbo... Pois o senhor não acredita que o canalha foi encomendando despesas, e me elogiando e respeitando, até que eu fiquei assim meio escurecido, e aí ele foi-se embora e me deixou sozinho p'ra eu ter de pagar tudo, por perto de uns quatro mil-réis? ... É ou não é p'ra uma pessoa correta ter raiva? É ou não é?!... Cachorro! Morreu de erisipela na cara... E o Miligido? Esse era homem bom... Homem justo. O que ele era era preto... Mais preto do que os outros pretos, engomado de preto... Eu acho que ele era preto até por dentro! Mas foi meu amigo. Valentão valente, mesmo. Um dia ele me deu uma escova de dente, quase nova... Eu acho que ele encontrou a tal nalgum lugar e não sabia que serventia aquilo tinha...

ELES NÃO USAM BLACK-TIE⁶

TIÃO – (*num grande desabafo*) – Medo, está bem Maria, medo!... Eu tive medo sempre!... A história do cinema é mentira! Eu disse porque eu quero sê alguma coisa, eu preciso sê alguma coisa!... Não queria ficá aqui sempre, tá me entendendo? Tá me entendendo? A greve me metia medo. Um medo diferente! Não medo da greve! Medo de sê operário! Medo de não saí nunca mais daqui! Fazê greve é sê mais operário ainda!... Maria, minha dengosa, não chore mais! Eu sei, tá errado, eu entendo, mas tu também tem que me entendê! Tu tem que sabê por que eu fiz! Mas para de chorá! Se você quisé eu grito pra todo mundo... que eu sou um safado! (Gritando para a rua) Eu sou um safado!... Eu traí... Por que eu tenho medo... Por que eu quero bem! Por que eu quero viver! E viver não é isso que se faz aqui!

⁶ GUARNIERI, Gianfrancesco. *Eles Não Usam Black-Tie*. In: **Teatro de Gianfrancesco Guarnieri**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987. O monólogo foi adaptado. Juntaram-se as falas do diálogo que se encontra nas páginas 103 e 104.